



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

A EDUCAÇÃO DE SURDOS E O PROCESSO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO POR MEIO DA LIBRAS

Tatiane Fernandes Monteiro Marciel ¹
Marcia Pereira de Sousa ²

RESUMO

Neste artigo, visamos a apresentar o caminho percorrido até a promulgação das leis que respaldam os surdos a alcançar o direito a um ensino de qualidade, e como a tradução e interpretação através da Língua Brasileira de Sinais - Libras pode ajudar a comunidade surda no processo de inclusão. Tratamos, em um primeiro momento, da tradução, seus tipos, tradutor e intérprete como forma de apresentar a evolução dos estudos de tradução e de como estes podem, através da Libras, contribuir para a formação do surdo ao longo de sua vida. Em um segundo momento, abordamos a evolução da Libras e a importância do papel do profissional tradutor e intérprete de Libras nesse contexto histórico linguístico. Apontamos ainda, as contribuições de estudiosos que têm desenvolvido suas pesquisas com a finalidade de proporcionar um material coeso e esclarecedor sobre esta área da ciência social, como Perlin (2006) e Quadros (2008), que evidenciaram a importância da tradução para surdos e sua capacidade comunicativa. Apontamos as principais inferências desse estudo para a formação do indivíduo surdo no contexto social, histórico e político.

Palavras-chave: Libras, Educação de surdos, Comunicação.

INTRODUÇÃO

A aquisição de uma segunda língua é de suma importância para tecer a aprendizagem do indivíduo surdo. A tradução e a interpretação surgem como ferramentas linguísticas que acrescentam como fonte positiva nesta conexão entre culturas e produção de saberes. Comprendemos que a Língua é um instrumento vivo e, por esta razão, é passível aos eventos externos a ela para produzir comunicação.

Para compreensão da importância do tema, trazemos para esta discussão o indivíduo surdo que tem a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como sua língua materna, utilizando-a

¹ Especialista em Língua Brasileira de Sinais - Libras pela Faculdade do Maciço de Baturité – FMB, Licenciada em Letras - Espanhol pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, tmonteirof@outlook.com;

² Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação - POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Especialista em Língua Brasileira de Sinais - Libras pela faculdade Santa Fé, Especialista em Libras e Práticas Pedagógicas Aplicadas à Educação Bilíngue de Surdos e Especialista em Educação Técnica e Tecnológica pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Atualmente professora Intérprete de Libras da Secretaria Municipal de Educação de Paço do Lumiar - MA. marcia.sousa@ufersa.edu.br.



para fundamentar todo o seu processo formativo como sujeito surdo, sendo veículo supremo para promover a comunicação com familiares, amigos e a comunidade surda da qual participa, assim como interagir nos demais encontros proporcionados pelo ambiente escolar, que recebe um público misto, composto majoritariamente por ouvintes.

O interesse em tratar do tema surgiu primeiramente da inquietação de conhecer com afinco as barreiras que os surdos enfrentaram, e ainda enfrentam, para conseguir seu reconhecimento pessoal e social ao longo dos anos.

Para alcançar o fim a que se propôs, este trabalho está dividido em duas seções: a primeira abrange o referencial teórico/metodológico sobre a tradução, em especial, a tradução literária; já a segunda seção, investiga a evolução do estudo da Libras e suas contribuições para a comunicação da comunidade surda. Por fim, apresentamos as principais constatações alcançadas ao longo da construção desse trabalho. Esperamos que esse estudo possa servir de base para que futuros estudantes possam ter acesso ao tema, bem como toda a comunidade surda.

METODOLOGIA

Com vistas a alcançar os objetivos propostos, e considerando as especificidades do campo de pesquisa que trata da tradução e interpretação por meio da Libras, adotamos como métodos investigativos as pesquisas exploratória e qualitativa. De acordo com Minayo (1995), a pesquisa exploratória se volta para a compreensão de uma realidade específica, em que se observam escassas produções sobre o tema. A pesquisa qualitativa, por sua vez, está relacionada às crenças, valores, aspirações e significados não fixos e estáveis.

EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A tradução é usada desde seus primórdios para estabelecer comunicação entre povos de línguas e culturas distintas. Este vocábulo é um termo derivado da palavra latina *traductio*, que consiste na ação de passar de um local a outro (RAE, 2018). Este termo outrora foi e permanece sendo passível de modificações no tocante à sua semântica, visto que, no decorrer da evolução do indivíduo, não existe um objeto pronto e acabado.

De acordo com Vieira (2013), os estudos sobre tradução podem ser divididos em quatro períodos: o primeiro (ano 46 a.C, na Roma antiga, época em que Cícero condenava a tradução de palavra por palavra); o segundo (período no qual é priorizado o ganho filosófico na



tradução); o terceiro (final da década de 40, com os primeiros trabalhos sobre tradução e as associações de tradutores); o quarto (período a partir da década de 40, no qual a reflexão teórica sobre a tradução passa a ser multidisciplinar, abarcando disciplinas como: hermenêutica, psicologia, antropologia, sociologia, filosofia clássica, literatura comparada, etnografia, sociolinguística, retórica, poética, gramática e linguística aplicada).

A tradução tem origem a partir do contato entre povos de línguas e culturas distintas, como visto anteriormente. Seu marco inicial no ocidente se dá com a tradução da Bíblia. Como exemplo, destacamos uma citação em que a petulância do homem, rebelando-se contra o seu criador, dá início à construção da Torre de Babel, tão somente com a intenção de alcançar o céu. Porém a rebeldia resultou em uma confusão linguística, pois os tais indivíduos passaram a falar cada qual em uma língua diferente. Deste episódio, então, surge a primeira teoria a respeito da tradução (MATEUS, 2019).

Esta concepção teórica de tradução vigorou durante vários séculos. No entanto, a partir do estruturalismo e do modernismo, passaram a ser obsoletas, dando espaço ao aparecimento de novos conceitos, que ressignificaram a teoria da tradução como reescrita, transformação e transcrição. Desse modo, é possível averiguar que o processo de evolução do termo tradução resulta "de muitas leituras que podem ser consideradas signos icônicos umas das outras, constituindo assim, a tradução como uma atividade semiótica" (VIEIRA, 2013, p.58).

O século XX ficou marcado como um período beneficiado pelo desenvolvimento tecnológico, o que refletiu diretamente no desenvolvimento e evolução dos estudos no campo da tradução. Nesta época, o teórico literário e tradutor Esra Paund ficou consagrado por romper estruturas tradicionais de traduções e derrubar "a necessidade de fidelidade total e erudição mantida desde a Tradição Augustan e colocou como possibilidade, [sic.] a recriação com liberdade do original, chamado Make It New" (MELO, 2008, p.16).

Quando nos debruçamos sobre as literaturas que retratam a tradução, encontramos três tipos básicos, a saber: tradução intralingual, tradução interlingual e tradução intersemiótica. Em face desta perspectiva, este estudo aborda a tradução interlingual ou tradução propriamente dita, que se configura como a "interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua" (JACKOBSON, 2013 apud VIEIRA, 2013).

Para Roman Jakobson (2013 apud VIEIRA, 2013), os estudos sobre tradução podem ser categorizados em três tipos: tradução intralingual ou reformulação, tradução interlingual ou tradução propriamente dita, e tradução intersemiótica ou transmutação.

A tradução intralingual ocorre no interior de uma mesma língua. Nesta dinâmica, sorvemos a ideia de que a relação entre texto de partida, o leitor - textualizado e o texto de chegada, conjecturam-se. A tradução interlingual, desenvolve-se do relacionamento de um texto de partida, tradutor e texto de chegada. Aqui, o tradutor firma seu trabalho não apenas em uma língua materna, senão em outras línguas que não a sua; já a terceira categoria faz alusão à “tradução intersemiótica”, ou ainda “transmutação” (GONÇALVES, 2011).

A tradução intersemiótica ou transmutação tem sido bastante discutida no cerne acadêmico da modernidade, e pesquisado em linhas gerais pelos que se detêm ao estudo ou manifestações na análise do discurso, porque lida não apenas com o texto escrito em si, mas prende-se também ao que é dito em forma de ilustração, como história em quadrinhos, como a passagem de texto à publicidade, dentre outras. Assim como nos demais tipos de traduções citados acima, na intersemiótica, não há possibilidade de o tradutor fazer o manejo da massa textual em análise inteiramente; isso porque há transição do verbal para o visual (MACHADO, 2012).

Um fator preponderante para que ocorresse a otimização dos processos evolutivos refletidos na atualidade, derivam do contato pessoal e maciço entre autor e tradutor. Não se aconselha que o tradutor faça sua análise tradutória pelo viés mais espontâneo. O analista tradutor tem que desenvolver seu trabalho de forma racional; isso influenciará direta e indiretamente no resultado de seu trabalho. De modo que tanto a tradução quanto a interpretação voltar-se-ão a atender às demandas de seus respectivos públicos ouvinte e surdo. Estas tarefas exigem do intérprete e do tradutor um olhar minucioso e, com base na história que ambos foram construindo ao longo do processo” (GONÇALVES, 2011).

Sem dúvida, o traduzir é uma arte, o profissional tradutor e intérprete de Libras assume um árduo papel de perito dos fragmentos escritos e sinalizados. Cada cultura possui suas próprias concepções, e estes incrementos podem ser utilizados como barreira no cerne comunicativo. Ao tradutor e intérprete de Libras cabe instigar, no seu público, um misto de sentimentos - o sentir, ouvir e o falar - por meio das mãos.

As modalidades de tradutor e intérprete têm em comum o contato direto com o texto-fonte e com a língua-alvo. Quanto à aparição da tradução ou interpretação das línguas, vale mencionar que sua evolução ocorreu de forma gradativa. Neste momento, desenvolvia-se o câmbio entre povos, culturas, nações; e este não apenas de objetos, mas foi um período rico cultural e socialmente. As antigas civilizações se viravam como podiam para estabelecer a comunicação, e essa troca fez com que ocorresse de maneira natural, já que surgiu em virtude de uma necessidade. Esta era uma práxis que outrora surtia muito efeito; foi uma estratégia bem arquitetada pelo homem daquela época.

O tradutor seria aquele que lida em extrair dados do texto, coletando datas, imagens buscando qual linguagem o autor utiliza. Já o intérprete, este atua na recepção da fala e transposição para a língua de sinais. Tanto a tradução como a interpretação tem como ferramenta o texto fonte. Para traduzir, o profissional (tradutor) tem ao seu dispor instrumentos como: dicionários, livros, internet etc. Já para a realização de uma interpretação, há a necessidade de exploração do campo oral ou da sinalização, de forma instantânea ou consecutiva, de interpretação.

A tradução é um viés que requer uma gama de conhecimentos linguísticos e culturais por parte do tradutor e, por conseguinte, um esforço maior de sua parte. Lidamos diariamente com a tradução, seja ela em forma de texto ou imagem; ela está presente em todos os lugares, quando nos deparamos com algo que precisou ser traduzido para nosso idioma de origem.

Podemos exemplificar uma tradução que se tornou tão comum nos dias atuais, que é a tradução da Bíblia Sagrada. Sabemos que, em sua origem, a Bíblia foi escrita nas línguas: aramaico, hebraico e grego, ou seja, para muitos, em tais línguas, a compreensão não foi uma tarefa fácil por um bom tempo.

Traduzir é, sem dúvida, fazer uma ponte entre culturas, é conhecer sem superficialidades. Pelo que consta na literatura, estudos voltados, tanto ao atendimento do público ouvinte quanto ao indivíduo com surdez, apontam métodos pedagógicos e técnicas práticas eficazes da tradução e interpretação.

O intérprete e o tradutor de Libras são profissionais que lidam diretamente com fatores linguísticos e extralinguísticos, desempenham funções ímpares e de suma importância para a comunicação entre os indivíduos, por meio da palavra, texto escrito, e ou sinalizado. Ambos devem seu reconhecimento e a importância social de seu ofício às evoluções iniciadas em países estrangeiros, e de línguas e culturas que divergiam umas das outras, mas que desembocavam



em uma intenção unificada e coesa de fortalecer a inclusão dos sujeitos com surdez. Lutaram para que estes tivessem direitos iguais, que a sociedade implantasse medidas no âmbito social e educativo de forma mista. Buscavam ainda um atendimento justo para ambos os públicos, clamavam por voz e vez, necessitavam de que seu trabalho fosse oficializado em lei.

A história dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais está arrolada ao trabalho voluntário, que estes ofertavam nos espaços públicos, e que, ao passar do tempo, ganhara conotação positiva. A escola tradicional passou a recepcionar os alunos com as mais diversas deficiências, dentre estes, o surdo, que foi “inserido” sem qualquer cuidado em salas superlotadas, com profissionais de pouco traquejo e fluência na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

No contexto escolar, a ascensão do intérprete da Libras foi sendo conquistada de maneira discreta e gradativa nas classes regulares, em que o público era majoritariamente ouvinte. Mas o que realmente está em pauta são as lutas enfrentadas por estes profissionais, assim como a valorização da sua profissão.

Na diacronia dos fatos linguísticos, observamos que a partir da legitimação que oficializou a língua de sinais enquanto língua de fato é que o surdo passou a ter direito de acesso à educação na sua própria língua, tendo a sua história expressa em sua cultura.

No Brasil, a história da língua de sinais é recente, sendo encontrados os primeiros fragmentos em trabalhos clericais, por volta da década de 80. Com a difusão dos trabalhos linguísticos que compilavam rasgos de estudiosos e linguistas, emergiu a necessidade de organizar um evento em nível nacional, com a ideia primeira de propiciar um intercâmbio entre os intérpretes das várias regiões que compõem o território brasileiro, visando ao fortalecimento da impressão da identidade surda na cultura brasileira.

O I Encontro Nacional de Intérpretes de Línguas de Sinais ocorreu oito anos após a descoberta de manuscritos religiosos que mais tarde fundamentariam o material encontrado em 1988. A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS fora a responsável pelo intercâmbio, em que os intérpretes tiveram um momento exclusivo para maturarem com ética o seu papel na sociedade.

Já na década de 90, a FENEIS articulou o II Encontro Nacional de Intérpretes de Línguas de Sinais, que, desta vez, promoveu discussões bem mais articuladas no que tange ao conhecimento legislativo, aproveitando o momento para abrir votação do Departamento Nacional de Intérpretes - DNI. Desde então, os encontros foram ficando mais frequentes e a projeção da escrita surda foi se expandindo no Brasil.



Em vinte e quatro de abril de 2002, houve a homologação federal da lei que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como língua oficial das comunidades surdas brasileiras. A Lei nº 10/2002, art. 36, fundamenta-se nas diretrizes voltadas ao profissional intérprete de Libras no Brasil, prevendo a inserção destes profissionais no mercado de trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Libras é ainda jovem no Brasil e se constitui como uma fonte nova de produção científica de qualidade e desenvolvimento de pesquisas voltadas à desmistificação de alguns julgamentos antigos de aversão ao uso da comunicação por meio de sinais. É uma ferramenta que nasceu da necessidade de comunicação entre surdo e família, comunidade surda e escola, uma vez que a Libras é a primeira língua na qual estes sujeitos aprenderão a se expressar em quaisquer que sejam os departamentos. Nesta tríplice de entidades, podemos vislumbrar a implementação das discussões e ideais que passarão a romper os muros individualistas que oprimem os surdos intelectual, físico e moralmente.

Por um longo período de tempo, a educação ficou sob a competência desta primeira entidade (a família), sendo que esta não sabia, científica e pedagogicamente, com quais ferramentas mediar o choque relacional entre as demais entidades. Na maioria das famílias, era identificada a ausência de compreensão do que seria a perda auditiva, nos seus mais diversos estágios nocivos, para quem a possuísse e não buscasse de forma responsável a ajuda dos profissionais e da escola, que por vezes negou-se a recebê-los.

Graças à validação da Libras como língua oficial, a comunidade surda pôde contemplar a expansão de sua cultura, e vê-la além das barreiras impostas pela ausência de comunicação. A inserção do surdo como ser agente e responsável por sua vida torna-se um privilégio, no qual tem o poder de expressar-se cultural e humanamente diante da comunidade.

No cerne social deste momento, nos deparamos com ferramentas pedagógicas que propõem uma comunicação inclusiva e plural, por meio das quais o sujeito surdo se apresenta tal como é, e tem literalmente em suas mãos - na expressão facial e corporal - o poder de, com todos estes instrumentos e atributos, produzir um som plural, que exerce a força de perscrutar e alcançar a outrem com sua ferramenta ímpar de representatividade cultural.

Rehfeldt (2020) deu início às suas proposições em solo brasileiro direcionando sua literatura a desvendar e apresentar o sujeito com surdez para aquela sociedade arcaica, conservadora e inumana, bem como o manuseio da Libras como língua materna. Em 1995, Lucinda Ferreira Brito deu sua contribuição compilando artigos que resultaram na publicação



de um livro por título “Por uma gramática das línguas de sinais”. Desta maneira, estas vozes foram nos ajudando a tomar conhecimento do cortejo histórico que a pedagogia surda sofrera no decorrer dos anos.

Contamos ainda com as proposições da linguísta Ronice Müller de Quadros, que destacara-se por analisar a distribuição dos pronomes contidos na Libras, que é experimentada como ferramenta pedagógica para maturar as percepções, tanto de crianças como de pais com surdez, de sorte que suas pesquisas dirigidas ao comportamento estrutural da língua brasileira de sinais foram associadas a atividades inclusivas para a integração do surdo.

O indivíduo surdo e a tradução, método para se produzir comunicação

Em suma, são identificados fragmentos de surdez em um indivíduo por fatores genéticos (herança familiar) ou fenótipo (fatores externos), tais como acidente de trabalho e ou doenças. É possível atestar os prejuízos total e parcial na audição. Constitui perda parcial quando o sujeito consegue captar produção sonora e ruídos, mesmo que os capte com deficiência, algo que o indivíduo com perda total não consegue. Diagnosticamos ainda, que existem quatro tipos de prejuízos na audição, que são: condutiva, mista, neuro sensorial e central.

A deficiência condutiva ocorre mediante o corte e ou interferência no transporte sonoro, da propagação externa à orelha, até a infiltração do som que atinge o pavilhão auricular (orelha interna). As formas de correção apresentadas pelos especialistas da área são os tratamentos clínicos com o aparato tecnológico envolto, e, em longo prazo, podem recorrer a sessões adaptativas com um profissional fonoaudiólogo, que vai identificar as possíveis correções. Cabe mencionar que, em última instância, podem realizar as intervenções cirúrgicas (cirurgia coclear).

Quando uma lesão apresenta cortes à recepção sonora, ao comportamento do pavilhão interno ou nervo auditivo, esta é considerada irreversível, pois caracteriza fortes impressões de uma lesão neurosensorial. Já na deficiência mista, o diagnóstico revela a incidência da lesão condutiva e neurosensorial em um mesmo sujeito. Não menos relevante, temos a deficiência conhecida cientificamente como surdez ou perda central, que se manifesta por uma gradual dificuldade ou interrupção na compreensão das ondas sonoras.

Há peculiaridades que normalmente são pouco conhecidas pelos profissionais, uma vez que as línguas de sinais são expressas sem produção sonora. De modo que a linguística procura emitir contribuições de cunho científico pelo viés fonológico. A fonologia é a competência que analisa as unidades mínimas sem significado de uma língua e organização interna. Dessa forma,



para que a comunicação por meio da Libras ocorra, deve promover combinações, tais como: articulação das mãos, espaço em que se executa a sinalização e direcionalidade.

Para que de fato haja uma interação, temos sempre que levar em conta o conjunto de articulações e marcações, uma vez que, se o sujeito se esquece de um destes marcadores, haverá prejuízo na comunicação. A língua brasileira de sinais é uma estrutura minimalista e complexa, envolve um grau cognitivo alto, com a finalidade de promover interação entre os indivíduos.

No Brasil, o ensino da Libras atualmente ofertado por escolas públicas e privadas possui alunos matriculados em todos os níveis de escolarização. De posse desta informação, averiguamos que, nas classes de ensino normal, a realidade está distante do ideal. Na maioria das vezes, o aluno com surdez tenta acompanhar o ritmo das classes construídas para atender aos alunos ouvintes, em que a escrita e interpretação do português tradicional é exigida.

É justamente por ainda ocorrerem episódios de exclusão que muitos dos nossos alunos optam pelo abandono escolar, negam-se a frequentar as associações, médicos, ou qualquer outro espaço em que necessitem lidar com a fala para comunicar-se. As escolas públicas carecem de um investimento maior que consiga contemplar tanto a estrutura física das salas de aula quanto a grade curricular.

Hoje, o sujeito surdo sonha com o dia em que os governantes tirarão a construção da escola bilíngue do esboço discursivo em papel e a materializem no solo, com o alicerce e o concreto. Dada muita das vezes a falta de comunicação que impera em sala de aula, nem todo professor recebe formação adequada para atender com eficácia aos alunos surdos. Nesse sentido, os espaços devem trabalhar com ferramentas metodológicas dinâmicas para produzir uma pedagogia plural.

No entendimento de Perlin (2006, p. 80):

[...] para os surdos brasileiros é o momento de resvalar pela pedagogia dos surdos e entrar em um terreno de construção de forma despreocupada. O (sujeito) da pedagogia dos surdos é o sujeito outro naturalmente educável, com capacidade virtual própria para sua educação que requer ser diferente das outras pedagogias.

No seio educacional, o papel exercido pelo intérprete de Libras é de ser sempre o de mediador em sala de aula, aquele que envolve a construção comportamental entre docentes e seus discentes, que engloba o aluno com surdez, bem como o ouvinte. Portanto, são estes os profissionais incumbidos de levar uma educação séria e comprometida para as classes mistas. Quando não muito distante, os alunos confundem o papel do professor e do intérprete e acabam por reportarem-se ao intérprete com o intuito de receber esclarecimento sobre alguma atividade.



Nos escritos de Perlin (2006), encontramos diversas sugestões propositivas, para experimentarmos com nossos alunos surdos uma pedagogia construtiva em sala de aula, destinando o reconhecimento das potencialidades deste aluno, isentando-os sempre dos prejulgamentos impostos pela sociedade.

Alguns críticos questionam que os surdos adquiriram o direito à educação, mas as classes de ensino tradicional estão, em sua maioria, preenchidas por alunos ouvintes, desta forma, a escola comum não trabalha os conteúdos que compõem a matriz curricular voltada à cultura surda. Há, de certo modo, um preconceito vivo, porém disfarçado e presente em nossa sociedade, que se recusa em aceitar a história do surdo.

Suscitamos a ideia de que, para haver humanização, as pessoas deveriam se desprender de si mesmas, pois, se o fizerem, possibilitarão a contemplação da beleza e importância que outro traz consigo. Somos afeitos a relações que nos permitimos vivenciar com as outras pessoas, é uma troca de saberes, sem que haja a pretensão de uma das partes em sobrepujar a outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a expansão dos meios de comunicação em massa, foi se tornando possível dar voz e vez a quem vivia nos bastidores. As informações são propagadas quase que instantaneamente e não sabemos precisar até que ponto podemos contar mais coisas positivas que danosas. Mas como todo o processo evolutivo é passível destas eventualidades, seguimos dando passos para a frente e, de quando em quando, damos alguns outros para trás.

Procuramos, neste trabalho, abordar a importância que o ensino da Libras tem em um contexto individual e social. Este trabalho nos permitiu desenvolver discussões plurais, respeitando o processo que tornou possível o envolvimento consciente do surdo na luta para tornar a inclusão possível.

Aqui tratamos do processo histórico ligado à tradução e à interpretação, do descrédito destinado a este ofício por parte de alguns críticos, que, de forma errônea, se alastrou durante alguns séculos. Com a evolução do pensamento humano, felizmente, foram sendo alteradas as percepções qualitativas, tanto do tradutor quanto do interprete de Libras.

A Libras sofreu ameaça de ser extinta muito antes de ser sancionada a lei que a oficializaria como língua de fato, pois muitas foram as barreiras para alcançar essa conquista para a comunidade surda. Hoje, a Libras possibilita a inclusão escolar e social do indivíduo surdo, permitindo a valorização da sua cultura. Não que, nos dias atuais, este não sofra exclusão,



pelo contrário, ela existe e frequenta os lugares mais improváveis dos rincões de nossa sociedade apodrecida, que mascara tal extermínio cultural.

A tradução e interpretação por meio da Libras acontece exatamente com a leitura e construção que o sujeito surdo vem fazendo ao longo de sua formação interpessoal, resulta de um processo intrínseco e inerente à sua identidade. É uma seleção natural, passível de uma série programada de fatores externos que exploram suas habilidades de leitura e releitura, que depende muito da necessidade temporal e predileção que este tenha.

A educação surda e a tradução são ferramentas metodológicas eficazes para estreitar vínculos entre pessoas diferentes e de culturas distintas. Este tipo de atitude propõe maturidade e alteridade, uma vez que há todo um desprendimento e consentimento por parte dos sujeitos de explorar o novo, isentos de prejulgamento do certo ou errado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto Lei 3.298 de 20 de dezembro de 1999. **Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm. Acesso em: 03 jul. 2020.

BRASIL. Decreto nº 5.625, de 22 de dezembro de 2005, a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Brasília, 2005.

GONÇALVES, Paulo José Veras. A tradução intra-semiótica. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em: [R28-0328-1.pdf \(intercom.org.br\)](http://www.intercom.org.br/intercom/2011/0328-1.pdf). Acesso em: 30 mai. 2020.

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. **Interpretação e tradução de libras/português dos conceitos abstratos crítico e autonomia.** Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul. Curso de Mestrado Acadêmico em Letras, Cultura e Regionalidade. Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/handle/11338/767>. Acesso em: 23 jul. 2020.

MATEUS, Elaine. Tores de babel e línguas de fogo: uma pouco sobre a pesquisa na formação de professores de inglês. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 307-328, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982009000100015>. Acesso em: 17 mai. 2020.

MELO, Marcela Costa. **A Tradução Intersemiótica da Obra Como Água para Chocolate de Laura Esquivel para o Cinema.** Mossoró: UERN, 2008.



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PERLIN, Gládis. **Surdos: cultura e pedagogia**. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Org.). **A invenção da surdez II**. Santa Cruz: Edunise, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

REVISTA ANÁLISE ECONÔMICA. Pesquisa. Porto Alegre: FCE/UFRGS, 2018. Quadrimestral. Disponível em: [As Origens Coloniais da Desigualdade Salarial e Discriminação no Mercado de Trabalho no Brasil | Silva | Análise Econômica \(ufrgs.br\)](#). Acesso em: 13 out. 2019.

REHFELDT, G. K. Linguistics bases for the description of Brazilian Sign language. In Harry W. Hoemann (Ed.) **The sign language of Brazil**. Mill Neck Foundation. N.Y. 1981.

VIEIRA, Teresinha Penaforte. **O desenvolvimento da metarreflexão de tradutores em formação sobre aspectos da tessitura textual: um estudo de intervenção pedagógica com subsídios da LSF e dos estudos da tradução**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2013.